

# Os vários tipos de linguagem jornalística

---



Ao contrário do romance ou do conto, o texto de uma notícia começa precisamente pelo clímax, respondendo às questões, **Quem?**, os protagonistas do evento ou situação, **o quê?**, os factos concretos, **onde?**, o lugar onde se passam as ocorrências, e **quando?**, a data em que o acontecimento se passou. Chama-se a este processo a **técnica da pirâmide invertida**. Depois de satisfeita a preocupação inicial, a de captar a atenção do leitor, dando-lhe a informação principal, feito o *lead*, o jornalista redige, então, o corpo da notícia, respondendo às questões, **Porquê?** e **Como?** Numa notícia, o jornalista deve ser objetivo, procurando a neutralidade naquilo que narra. Pode colocar questões e avançar hipóteses de resposta mas, em caso algum, deve fazer interpretações pessoais ou insinuações como, infelizmente, muitas vezes sucede. Um bom jornalista não se esquece de verificar os factos que descreve e mencionar as fontes de informação. O título da notícia é, por razões óbvias, de uma importância extrema pelo que ultrapassa largamente a sua função informativa e queda-se, como no texto publicitário, pela função apelativa da linguagem, recorrendo a palavras bombásticas, breves, redundantes, assim como a idiomatismos e neologismos.

---



A reportagem tem geralmente a sua origem numa notícia que o chefe de redação quer ver mais desenvolvida, já que a considerou um *furo* jornalístico, o que, naturalmente, dará pano para mangas. A reportagem versa assuntos de interesse geral, atual ou não, e exige a deslocação do repórter ao local ou locais, coisa que a notícia pode dispensar. Numa reportagem procura-se, essencialmente, responder ao como e ao porquê do objeto que é alvo da reportagem. Para além da sua função informativa, a reportagem abarca as funções emotiva e poética da linguagem, tem uma preocupação estilística e caracteriza-se pela clareza, vivacidade e síntese. Redige-se, geralmente na terceira pessoa do singular, ainda que fortemente marcada pela primeira.

---



Quando o jornalista se mascara de ficcionista, fantasista ou poeta, podemos afirmar que se está a preparar para escrever uma crónica.

A crónica encerra uma tensão provocada por funções e parâmetros, senão opostos, pelo menos contraditórios: entre o banal e a fantasia, entre a literatura e a reportagem, entre a entrevista e a notícia, entre o real e o irreal, entre o indutivo e o dedutivo, a crónica é um texto vagabundo, que anda à deriva e que escorrega para o conto ou desliza para a poesia e passeia entre a metonímia e a metáfora. Procura transcender e transgredir o quotidiano. Ao contrário da notícia ou da reportagem, que morrem diariamente, a crónica perpetua-se no tempo e até pode saltar das folhas do jornal para as páginas de um livro. Como texto curto que é ocupa pouco espaço, mas ocupa um espaço fixo do jornal ou da revista, sabendo o leitor qual o lugar do encontro marcado periodicamente com o cronista.

---

